

Ser Negra, Ser mulher e Ser pobre em São Gonçalo dos Campos: uma incursão pelas as hierarquias sociais.

Rosana Falcão Lessa¹

Resumo: O município de São Gonçalo dos Campos faz parte da região do Recôncavo Baiano no qual a cultura fumageira foi predominante até meados do século XX, sendo base de desenvolvimento econômico e um dos fatores que contribuíram para seu desmembramento de Cachoeira em 1884. Essa lavoura era caracterizada por ser uma lavoura que utilizava poucos recursos financeiros em seus cuidados, por isso conhecida como uma lavoura pobre, proporcionando o acesso à participação de famílias pobres em seu cultivo, tendo destaque a participação feminina por ser uma cultura que exigia mais habilidade e paciência do que força física. Dessa forma, pretendo dar visibilidade à condição social, étnica e econômica, legadas às charuteiras pela história do município e a forma como a visão de mundo dessas mulheres foi moldada a partir de seu lugar, ou não-lugar na sociedade sangonçalense.

Palavras - Chave: Representações, trabalho feminino, etnicidade.

Abstract: The municipality of São Gonçalo dos Campos is part of the Recôncavo Baiano region in which the tobacco crop was predominant until the middle of the twentieth century and is based on economic development and one of the factors that contributed to its collapse in 1884 of Cachoeira. This was characterized by crop farming using a few resources in their care, therefore known as a poor crop, providing access to participation of poor families in their culture, and highlight women's participation as a culture that requires more skill and patience than physical force. Thus, I want to give visibility to the social condition, ethnic and economic, cigarette case legacy to the history of the municipality and how the vision of the world of these women was shaped from its place, or non-place in society sangonçalense.

Words - Key: Representations, women, ethnicity.

É necessário lembrar que o que une os negros transnacionalmente é a experiência do racismo e da opressão, e mesmo isso se dá de forma diferenciada, criando conseqüências também distintas para construção das subjetividades e identidades negras. (Patrícia Pinho)²

Privilegiarei descrever neste texto o peso da condição social, étnica e econômica, legadas às charuteiras pela história do município e a forma como a visão de mundo dessas mulheres foi moldada a partir do seu lugar social ou o não-lugar na sociedade de São Gonçalo dos Campos, segundo Manuela Carneiro Cunha (1985) as representações são articuladas com a organização da vida material e as relações de poder em cada sociedade³.

¹ Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Email: rosana.lessa@ig.com.br

² PINHO, Patrícia Santana. Reinvenções da África na Bahia. São Paulo, 2004. pp.107.

³ CUNHA, Manuela Carneiro. Negros Estrangeiros. Os escravos e libertos e sua volta à África. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp.102-151.

O título deste trabalho foi pensado a partir de algumas entrevistas com algumas trabalhadoras aposentadas de armazéns de beneficiamento de fumo, pelas pesquisas realizadas em Atas da Câmara Municipal de São Gonçalo dos Campos do período de 1960-1970 e também pela leitura de alguns jornais da época como a Verdade e a Razão, que eram jornais de circulação interna, onde eram noticiados todos os assuntos relevantes para alta sociedade do período, ficava explícito os códigos de conduta moral da época, onde não havia lugar para os menos favorecidos a não ser em páginas de propagandas que falavam de remédios para curar a preguiça com negros fortes trabalhando ou anúncios que desmereciam as crenças africanas.

A partir da leitura dessas fontes, nota-se a predominância da população negra no município tanto pela existência de várias irmandades na segunda metade do século XIX, quanto pelo censo de 1950, comprovando que metade da população nesse período era negra, 60 anos após a escravidão. Essa predominância de negros deveu-se justamente à cultura fumageira e canavieira, pois o município, durante o século XIX foi um dos maiores exportadores de fumo da região, cuja mão-de-obra utilizada era predominantemente escrava. Provavelmente os escravos que vieram para São Gonçalo eram de origem iorubá, tanto pela presença expressiva do candomblé, quanto pela hegemonia desse grupo na região nordeste e principalmente no Recôncavo fumageiro.⁴

Segundo Luiz Cláudio Dias Nascimento em torno de 8 mil africanos iorubas, fon e aja-ewê provenientes do sul e do centro de Daomé e do sudeste da Nigéria eram desembarcados nas praias e ilhas da baía de Todos os Santos. Em 1811 esses nagôs perfaziam um total de 50% do contingente africano morador na cidade do Salvador, em 1830, eram 60% do total.⁵

Durante o tráfico escravo que a Bahia manteve com Daomé e devido à expansão urbana das vilas próximas à Bahia de Todos os Santos e zona fumageira, houve uma concentração específica de africanos jêjes e nagôs, dessa forma justifica-se a predominância de mulheres negras na região, mulheres que pertenciam aos segmentos mais baixos da sociedade, segundo todos os entrevistados, eram ex-raparigas, vendedora ambulantes de doces, fato, acarajé, negociavam com ouro em Cachoeira e muitas trabalhavam na lavoura fumageira ou eram charuteiras, cujos proprietários das terras e dos armazéns eram estrangeiros e membros das elites locais "...esta cultura esteve dominada durante do século XX pelos "gringos"⁶. Alemães, holandeses e uruguaio era proprietários das firmas compradoras e exportadoras de fumo,

⁴ Anunciação, Luciana Falcão Lessa. Religiosidade Popular em São Gonçalo dos Campos 1870-1920, 2001, p 59.

⁵ Nascimento, 1999, p.10

⁶ Anunciação, Luciana Falcão Lessa. Religiosidade Popular em São Gonçalo dos Campos 1870-1920, 2001, p 60.

como por exemplo Mongeroth Leone, Geraldo Suerdick e Geraldo Dannemann”(TEIXEIRA e ANDRADE,1984,p.88).Tal realidade é herança de sociedade escravista na qual brancos estrangeiros eram os grandes proprietários e os negros e negras formavam apenas a mão-de-obra necessária.

A partir das entrevistas realizadas, todas as mulheres que falaram sobre sua experiência e seus vínculos com fumicultura relatam as dificuldades em serem negra pobre e mulher “naquele tempo”, década de 50, pela invisibilidade que tinham, e ao mesmo tempo falam que gostavam do período pelo fato de não conhecerem nada e de saberem seus “lugares” e dessa forma se conformavam a sua situação social que lhes cabiam.

Em alguns momentos da entrevista acabam mostrando a inconformidade com vida passada quando explicitam que proporcionaram a oportunidade dos filhos estudarem, trabalhando o máximo que puderam para que estes se dedicassem aos estudos e futuramente não passassem pelas dificuldades que elas passaram e de certa forma, o desejo que estes tivessem profissões estimadas que os afastassem dos trabalhos vistos como inferiores na época, como por exemplo, empregadas domésticas, carroceiros, lavradores, entre outros, desta forma, essas mulheres procuravam integrar seus filhos na sociedade local de uma forma que apagasse a nódoa de um passado de dificuldades e os tirassem das “fibras da pobreza” que elas viveram. Em Florestan Fernandes, na Obra Integração do Negro na Sociedade de Classes é evidenciado como os negros e os mulatos jamais conseguiram se integrar plenamente, pois sofreram processos de exclusão de diferentes ordens ao longo da história, que lhes imputou uma melhor acomodação do ponto de vista socioeconômico dentro das estruturas relacionais adjacentes à nossa sociedade de classes, dessa forma percebe-se que os negros desde o período colonial até a contemporaneidade aceitam a ordem social vigente buscando a possibilidade de ascensão nas brechas no sistema capitalista. Assim as obras contemporâneas que retratam o cotidiano feminino e inserção da mulher no mercado de trabalho vêm mostrar a história de mulheres negras pobres recém-egressas da escravidão que viram nas atividades informais uma oportunidade de sobrevivência ainda que precárias.

Nesse sentido, é necessário focalizar que para ser integrado na sociedade da época, além de ocupar profissões que os livrassem do estigma da subalternidade da escravidão, essas pessoas deveriam ter sobrenomes de famílias reconhecidas na época, e apesar das elites sangonçalense serem predominantemente mestiça, a cor era um agravante para ascensão social. É evidente nas entrevistas o silêncio sobre a cor, quando faço referência em alguns momentos à etnicidade, as mulheres mudam de assunto ou falavam que eram todos iguais e que não havia conflitos relacionados à cor, segundo Hebe Matos (2000) no século XIX, dizer-

se negro ainda era basicamente, assumir a memória da escravidão inscrita na pele de milhões de brasileiros⁷, assim desde os primeiros anos após a abolição os negros lutam para afastar qualquer associação da sua imagem ao cativo e a subserviência, numa constante busca pela igualdade⁸. Em Bastide (1965), veremos que tempos depois, o problema consiste na manutenção de “relações raciais tradicionais”, fundadas no paternalismo, no cerne mesmo da sociedade industrial. Assim, ainda que reconhecendo a existência do preconceito de cor entre nós, a ênfase não é dada no preconceito enquanto mecanismo de reprodução e criação de desigualdades sociais, ou mesmo no instrumento de luta entre grupos livres em mercados competitivos, mesmo que a industrialização seja responsabilizada pela agudização do preconceito. Florestan, por exemplo, prefere sublinhar o fato de que, num primeiro momento, o negro e o mulato permanecem marginais à estrutura de classes.

Tendo em vista as considerações acima, o relato de um ex - gerente de armazém, sendo este pertencente à família tradicional da cidade, fala que questões étnicas aparecem, somente entre as charuteiras em momentos de conflitos onde o primeiro xingamento emitido pelas mesmas é negro ou preto, sendo esta conotação de subalternidade ou inferioridade em relação às outras pessoas, um defeito, a pior das ofensas. Dessa forma, percebe-se no discurso dos entrevistados uma tentativa de esconder o preconceito racial existente no período e incorporar o discurso de igualdade no município na primeira metade do século XX, as charuteiras numa tentativa exaltar a sua condição e os gerentes numa atitude paternalista. As reais configurações dos discursos das elites ficam evidentes quando lemos os jornais e percebemos como são tratados os negros e pobres.

Nas notas de jornal existem expressões como “pobre preta velha mergulhada na ignorância de suas crenças”, expressões que denotam o descrédito que os negros tinham na visão das elites. E também aparecem nesses jornais, convocações para que os lavradores pobres pudessem plantar fumo com a ajuda dos donos de armazéns, num tom de benevolência e caridade a esses trabalhadores pobres, sendo que na realidade havia uma troca de favores entre estes, pois os donos de armazéns cediam as sementes e os lavradores vendiam a produção à preços módicos aos mesmos. Nesse contexto, as mulheres charuteiras projetavam suas aspirações futuras nos filhos, aqueles poderiam reproduzir os moldes de vida dos grupos mais favorecidos da época, negando dessa forma um passado marginal. Segundo Patrícia Pinho(2004), as representações constituem o mundo no qual vivemos, e são usadas pelas

⁷ Mattos, Hebe. *Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 20-26.

⁸ Ver Fraga Filho, 2006.

peças para conceitualizar o mundo, a si mesmas e aos outros. Os grupos dominantes produzem e reproduzem representações de si e dos outros que justifiquem sua posição na ordem racial e espacial vigente. As construções das identidades étnicas representam maneiras encontradas pelos grupos dominados de manipularem as representações de si, que são reproduzidas pelos discursos dominantes no interior da sociedade em que vivem, seja para desafiar e inverterem seus significados ou mesmo para legitimar o que já vem sendo reproduzido. Nesse sentido, as identidades étnicas negras devem ser entendidas em sua conexão com os processos políticos, econômicos e sociais de acordo com os contextos originários⁹.

No relato de Dona Joana Cazumbá fica bem ilustrada as aspirações das mulheres trabalhadoras daquele tempo, onde a mesma conceitua “mulheres de verdade” como as honram com a criação dos filhos, também mostra uma nítida consciência de classe e de pertencimento a determinado grupo étnico, ou melhor, o sentimento compartilhar a mesma situação social, segundo Barth os grupos étnicos são categorias de atribuições e identificações realizadas pelos próprios atores e, assim, tem a característica de organizar a interação entre pessoas, ou seja, elas se identificam a partir suas características étnicas e sociais ao mesmo tempo percebem a diferença das elites locais. Os papéis sociais são tão determinados que seria inadequado indivíduos assumirem outros papéis¹⁰.

Segundo as memórias de dona Joana,

Naquele tempo era bom quando morava no cedro com minha família porque a lá a gente não conhecia nada, não tinha luz, era lampião as coisas eram difíceis, mas a gente passava, a gente sabia qual era nosso lugar não tinha televisão, então ninguém via nada, nos tempo de hoje todo mundo quer ser igual e faz o que não pode(...)minha vontade era criar meus filhos direito.

(...) mulher de verdade tem coragem para o trabalho para enfrentar a vida, não é como as de hoje que escolhem o que vão fazer, até quando se têm dois, três filhos nas costas. Naquele tempo a gente não tinha nada, mas queria ver os filhos nos estudos. Eu não estudei porque ajudava minha mãe na roça, só quem estudava aqui era quem era rico porque só tinha os primeiros ensino aqui, depois tinha que estudar em Feira ou Salvador e também tinha escola paga que não era para pobre, e só quem podia era quem tinha dinheiro para pagar, mas nem todo rico deixava sua filhas na casa dos outros(...)Querida meu filho estudado para não trabalhar nas cozinha dos outro.

No relato de D. Joana há uma nítida repulsa pelo trabalho doméstico e a vontade de afastar seus filhos dos trabalhos pesado que ela exerceu na vida e uma forma de incorporá-los na sociedade de uma forma digna, seguindo os padrões morais vigentes, nas quais moça

⁹ PINHO, Patrícia Santana. Reinvenções da África na Bahia. São Paulo,2004. pp.81.

¹⁰ BARTH,F. “Grupos Étnicos e Suas Fronteiras”.IN POUTIGNAT,P. e Streiff-Fernart, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo:Editora da UNESP,1998,pp.185-227.

direita deveria casar para ter filhos, sendo que o casamento para toda religião cristã permite negar a natureza e ao mesmo tempo satisfazê-la, ou seja, o mistério do pecado original é o mistério do prazer sexual, então essas mulheres aos olhos da sociedade, que era predominantemente católica, vivam no pecado, eram sem educação e sem pudor, segundo Durkheim o casamento institui a família e ao mesmo tempo deriva dela, só o vínculo matrimonial permite uma sociedade moral¹¹.

O discurso das ex - trabalhadoras de armazém é permeado de justificativas que as livrassem da culpa de não serem guiadas pela moral religiosa do período, elas se afastam desse estigma quando priorizam a educação dos filhos, filhos estes que a partir do momento que foram concebidos por relações informais, deveriam ser educados para não cometer o mesmo erro, e livrar a mãe do pecado cometido e como uma forma de obter respeito na sociedade local.

Uma das entrevistadas se orgulha de ter criado seus filhos sozinha e não ter renegado nenhum trabalho para isso. Assim Dona Elizabete que se orgulha de ter criado os 8 filhos, e apesar das dificuldades financeiras, demonstra muito orgulho no trabalho feito por ela no armazém quando repete várias:

Trabalhei sim no armazéns graças a Deus e tudo que tenho devo a esse trabalho, já trabalhei em vários: no de Jairo(URUSIL), já trabalhei na Tabarama, na Dannermann, já trabalhei em muitos, eu e mãe, todo período que ia contratar funcionários a gente já sabia ia para porta do armazém. Eles ficavam com os funcionários de acordo com a quantidade de fumo que tinha, era muito gente que ficava no trabalho, os que não era chamando naquela hora quando tivesse mais trabalho eles mandava chamar(...)vinha gente de todo lugar para trabalhar no armazém gente de Santana, do Cedro, do gravatá de todo lugar daqui. Era o que tinha para fazer naquele tempo(...)

Nas memórias das ex-trabalhadoras de armazém nota-se uma operacionalidade na identidade, elas fazem um jogo constante de memória entre o passado e o presente, pois sempre falam da exploração do trabalho, das duras jornadas exerciam durante o dia, e posteriormente, ao fim do expediente no armazém, levavam fardos de fumo para serem “destalados em casa” com a ajuda dos filhos para que conseguissem o salário combinado, pois para consegui-lo teriam que trabalhar muito, conforme algumas entrevistadas elas executavam todas as atividades do beneficiamento não havendo trabalho leve e pesado, segundo as mesmas, já trabalharam até na prensa, que era um trabalho pesado teoricamente masculino, ou melhor, realizado por homens, por exigir muita força física para imprensar o fumo, enfardá-lo

¹¹ FRAISSE, Genevieve. Da destinação ao destino. História da diferença entre os sexos. História das Mulheres no Ocidente. Lisboa: Afrontamentos, 2004. pp.91.

e transporta-lo a posteriori. Uma ex-trabalhadora fala que trabalho de homem e trabalho de mulher “era só na fala”, mas que ela já trabalhou em tudo dentro do armazém. Essa operacionalidade é nítida quando elas falam do presente, pois, dizem que a única atividade que tinha para fazer e através desta conseguiram aposentaria, construir uma casa, entre outras conquistas. Ou melhor, quando relatam o passado é com ressentimento pela exploração do trabalho que passaram e o presente motivo de orgulho pelo que conseguiram por ter exercido essa atividade.

Essas mulheres relatam a dignidade que o trabalho lhes proporcionou e a vontade de criar os filhos nos moldes da moral de sangonçalense da época, embora elas não explicitem a participação masculina em nenhum momento, silenciam evitam falar dos pais, pois terem filhos de vários pais ou ser mãe solteira era um fator de desqualificação das mulheres. Segundo um dos gerentes de armazém:

Moça de família não trabalhava em armazém de fumo porque trabalhava homem e mulher tudo junto, umas tinham um bom caráter eram casadas e muitos dos esposos também trabalhavam conosco no armazém e outras se aproximavam muito dos homens eram mais desinibidas, o que não era de bom tom, e até hoje não acho que seja porque a mulher fica muito exposta, você entende?

As moças de família sempre iam exercer um ofício, iam aprender a costurar, a cozinhar... O trabalho de armazém era mal visto porque era para quem não tinha recursos mesmo não precisava de nenhum grau de instrução para fazer o trabalho e o ambiente não era para moça de família. Quando recebi a proposta de trabalhar em armazém eu estava indo embora da cidade aí resolvi ficar e gerenciar um armazém de grande porte da cidade, nesse período inovamos em muita coisa eu separei, por exemplo, os lugares de trabalho dos e homens e das mulheres para ficar mais respeitoso, não admitia conversinha entre eles e qualquer coisa deveria ser resolvida fora do expediente de trabalho, nunca precisei reclamar ninguém eles me respeitavam muito, acabava fazendo o papel de conselheiro de muitos deles e também tenho uma quantidade infinita de afilhados..Nós fizemos também um refeitório para que as mulheres tivessem um pouco de conforto no horário de almoço porque comiam em pé e muito dispersas, ou saiam para almoçar do lado de fora do armazém, um fato curioso está aí você acredita que elas não usavam o refeitório e continuavam almoçando muito longe uma da outra?Nunca perguntei o motivo, mas creio que tinham vergonha da comida levavam... Outro dia estava na rua aí encontrei uma senhora que falou comigo muito feliz e disse que o período que ela foi respeitada no tempo que trabalhou comigo lá no armazém. Eu não tenho besteira comigo para mim todo mundo é gente eu nem gosto de usar o ter classe baixa ou alta, mas os menos favorecidos porque para mim todo mundo é igual e deve ser respeitado.

Fica exposto que as mulheres que possuíam algum cabedal viviam na reclusão, reduzindo às suas vidas a afazeres domésticos leves e, na maioria das vezes, sem quase nada para fazer¹², mas havia algumas mulheres da elite sangonçalense que eram proprietária de

¹² VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Evas e Marias em Serrolândia: representações da mulher numa cidade do interior 1960- 1990. Monografia de Especialização. UEFS.1999.

fazendas, como fica explícito nos censo das propriedades rurais de 1937, a existência de mulheres que possuíam várias propriedades e administravam as mesmas¹³, havia mulheres que estudavam e se envolviam na política do município, nas atas da câmara são grafadas a participação de mulheres das discussões de assuntos relevantes na época, como a educação e modernização da cidade.

É evidente também a exclusão das mulheres fumageiras de São Gonçalo dos Campos frente a moral local, que determinava os modos comportamentais de moça direita e de família, dessa forma, essas mulheres foram estigmatizadas pelo seu comportamento ou atos teoricamente irresponsáveis como a formação de famílias irregulares dando uma noção de que a mulher é culpada por uma vida de erros, sendo que no discurso acima há uma tentativa de mostrar a igualdade entre todos, considerando que essas mulheres são vítimas da sociedade, onde fica nítida a diferença destas das “boas moças” de família e as mulheres charuteiras que formariam um grupo homogêneo no senso comum, pois eram negras, eram pobres e muitas não se enquadravam nos padrões femininos locais, segundo Patrícia Pinho (2004) os grupos étnicos são sistemas de definições de limites e fronteiras, onde o contraste funciona como o detonador dos processos de identidade. Sendo assim num verso do jornal a Verdade de 27 de fevereiro de 1947 escrito por Arlette Corrêa Netto fica bem explícita essa dicotomia:

Roceira

Eu gosto de ver a Roceira
De trança
Fininha
No teu cavallo
Arreiado
Assim montada
Bem montada de lado.
Enquanto as outras passam velozes
Em bonitos automóveis
Pelas ruas da cidade
Ostentando vaidades
Ta a gentil roceirinha
De trancinha fininha

¹³ No levantamento dos impostos pagos pelas propriedades no jornal A verdade de março de 1937, mostra a existência de mulheres de mulheres donas de várias propriedades, como por exemplo, Ana da Costa Falcão que possuía 5 propriedades no distrito de Sergi, atual Nossa Senhora das Mercês.

Vaes galopando
O teu fogoso alazão
E pensando
Calada
Pela estrada no rapagão
Bruto e queimado
Que te dê uma casinha
Perto do povoado
Algumas vaquinhas
Leiteiras e outras
Tantas galinhas poedeiras
Eis gentil roceirinha
De trancinha fininha
O teu doce sonho dourado.

Fica explícito o pensamento da época e os limites sociais entre as moças da sociedade e as Roceirinhas quem eram essas mulheres pobres da zona rural que vinham montadas a cavalo para cidade, meio de transporte destinado a homens e usados por essas mulheres, pois estas, por não terem recursos e nem o requinte das elites poderiam fazer uso desse meio transporte, enquanto as moças de elites andavam em velozes automóveis. No verso acima, a autora tenta mostrar uma saída para vida das “roceirinha” e o pensamento das mesmas que, segundo a autora, era sonhar com o casamento como um homem, que ela adjetiva de bruto e queimado, que denota trabalhador que pudessem dar condições de lhes dar recursos condizentes com sua classe social que era ter uma rocinha e criar alguns animais independentes do trabalho para outras pessoas, mas para o sustento de sua própria família. O poema procura exaltar a importância do casamento e da constituição da família, visto que, nas pregações da igreja presente nas notas de jornais sempre era conceituada a família como uma instituição que se consumava com a participação da mãe, pai e filhos. No jornal O Campesino existem vários artigos sobre A família, que procura resgatar os bons costumes, que estava sendo perdido pela modernidade e também normas comportamentais para que as famílias católicas não perdessem os valores cristãos e padrões aceitos pelo catolicismo:

Causa-nos grande dor, a demasiada vaidade que domina a sociedade atual que não condizem com a modéstia da família brasileira (...).As dansas e a vestes são condenadas, pois, causam o perigo de perversão. Indiferente a si a dansa torna se

má e pecaminosa(...)Dahi o mal de dansas e bailes dirigidas por gente libertina e reagem a batuques diabólicos feito demônios entre nós. Desse modo é pecado grave frequenta los, e assistir a ellas, salvo o caso de necessidade, não havendo, porem, perigo de consentimento de taes actos(...) Terminado esta parte, desta nossa pastoral, relativa a família, a qual queremos, santa e feliz esperamos, que nossos amados diocesanos compreendendo o mal das seduções do mundo, procurarão fazer que resplandam em seus lares, a graça e a beleza das regras da moral cristã em todos os passos da vida de suas famílias.

Assim, ao destacar que o social é historicamente constituído, nele as experiências sociais femininas e masculinas diferenciadas emergem numa condição própria em sociedades específicas, dessa forma, nota-se que a padrões e valores das classes dominantes de São Gonçalo dos Campos na década de 50 não era condizente com o comportamento das classes mais baixas da cidade tanto pela história do município quando pela forma que essas pessoas foram inseridas socialmente na localidade, numa situação marginal que procuravam vencer cotidianamente e através de sua experiência souberam contornar as dificuldades financeiras.

Segundo Fernand Braudel “a história é a soma de todas as histórias possíveis: uma coleção de ofícios e pontos de vista de ontem, hoje e amanhã”¹⁴, então pela necessidade de maior conhecimento da participação das mulheres, de modo geral, no cenário Histórico faz-se necessário que os estudos de Gênero venha transpor as construções culturais, pois na realidade, a elaboração de uma história científica e mais próxima da realidade só será possível quando houver uma real expansão dos limites da história, que vise não apenas os grandes acontecimentos, “mas a fala dos oprimidos e também as desigualdades de poder que se organizam no mínimo como gênero, classe e raça”, como bem afirma Rachel Soihet¹⁵. Então, da voz aos excluídos da história é, portanto, implementar uma ação democratizadora, a própria história, sendo o estudo de seu cotidiano a via prática de sua aplicação¹⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: histórias dentro da História**. IN PINSK, Carla B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006

ANDERSON, Benedictus. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre as origens e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: CIA das letras, 1991.

¹⁴ BRAUDEL, Fernand . Op. cit.

¹⁵ SOIHET, Rachel . Op. cit.

¹⁶ SILVA, Elizabete Rodrigues da. Fazer Charutos: uma atividade feminina. Dissertação de Mestrado. UFBA. Salvador-Ba, 2001.

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas**. IBGE. Conselho Nacional de Geografia, 1963. Edição de Divisão Cultural.

ANUNCIACÃO, Luciana Falcão Lessa. **Religiosidade Popular em São Gonçalo dos Campos 1870-1920**. Dissertação de Mestrado UFBA, Salvador-Bahia. 2001.

BARTH, F. “**Grupos Étnicos e Suas Fronteiras**”. IN POUTIGNAT, P. e Streiff-Fernart, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, pp.185-227.

BARICKMAN, B. J. **Até a Véspera: trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo Baiano (1850-1881)**, Afro - Ásia, 21-22. 1998-1999. Pp. 209-227.

BARICKMAN, B. **Um Contraponto baiano: açúcar fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BILAC, Elizabete Doria. **Família e Trabalho Feminino** - Tese de Doutorado. VOL.I. A Ideologia e as práticas familiares de um grupo de trabalhadoras manuais de uma cidade de um interior paulista.

BORBA, Silva Fraga Costa. **Industrialização e Exportação do Fumo na Bahia, 1870-1930**. (Dissertação de Mestrado de Ciências Humanas – UFBA).Salvador,1975.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos**. 3º ed. São Paulo: CIA das Letras, 1994.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Academia Baiana de Letras, Casa Jorge Amado; UFBA, 1998.

BRAUDEL, Fernand. **História em Migalhas: dos Annales a Nova História**. Lisboa: Martins Fontes, 1983.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Negros Estrangeiros. Os escravos e libertos e sua volta à África**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

FRAISSE, Geneviève. **Da destinação ao destino**. História filosófica da diferença entre os sexos. . IN: História das Mulheres do Ocidente DUBY, George e PERROT, Michele. Lisboa: Afrontamento. Vol.4, 1991.

FERNANDES, Florestan; Pereira, João Baptista Borges; Nogueira, Oracy. “**A questão racial brasileira vista por três professores**” Revista USP (dezembro/ fevereiro 2005/2006) n. 68, pp.168-179.

PINTO, Luiz Aguiar Costa. **Recôncavo Laboratório de uma experiência humana**. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Academia Baiana de Letras, Casa Jorge Amado; UFBA, 1998.

GIRLOY, Paul. **Entre Campos. Nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007, pp. 77- 122.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960**. In: Maio, Marcos Chor e Santos , Ricardo Ventura(orgs) **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB,1996.

HALL, Michael M. **História Oral: Os Riscos e Inocência**. In: O Direito a Memória: Patrimônio histórico e Cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e História**. 7º ed. São Paulo: Paz e Terra.

HOBSBAWM, Eric e TERENCE, Ranger. **Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por Uma História da Mulher**. São Paulo: EDUSC, 2000.

_____ **Trama e poder: Indústria de sacarias para café São Paulo 1888-1934**. São Paulo: 7 letras, 2002.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. **Bahia: Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1992.

MATTOS, Hebe. **Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PEDREIRA, Pedro Tomas. **São Gonçalo dos Campos 100 anos de luta**. Brasília: Ed. Câmara dos Deputados, 1984.

PINHO, Patrícia Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo, 2004.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2000.

SANTOS, Valdomiro Lopes dos. **A Pecuarização do recôncavo Fumageiro: o caso de São Gonçalo dos campos** - Dissertação de mestrado para Universidade Estadual de Pernambuco, 1987.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. IN: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, V.16, nº2, jul /dez. 1990.

SCOTT, Joan. **A mulher trabalhadora**. IN: História das Mulheres do Ocidente DUBY, George e PERROT, Michele. Lisboa: Afrontamento. Vol.4.1991

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer Charutos: uma atividade feminina**. Salvador, 2001. Dissertação de Mestrado em História-(UFBA).

SILVA, Maria A. Moraes. **Fiadeiras, tecelãs, oleira... Resenhando as grotas e veredas**. Proj. História. São Paulo (16), fev.1998.

STEPHAN, Nancy. **“Raça e Gênero: o papel da analogia na ciência”**. In: Holanda, Heloisa Buarque. Tendências e impasses. O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp.72- 96.

SONNEVILLE, J. **Os Lavradores de Fumo: Sapeçu-BA, 1850-1940**. Salvador, Mestrado em Ciências Sociais-UFBA,1982.

TEIXEIRA, Marli Geralda e ANDRADE, Maria Jose de Souza. **Memória de São Gonçalo dos Campos**, 1988. Ed.comemorativa do 1º Centenário do município de São Gonçalo dos Campos.

WEBER, Max. **Relações Comunitárias étnicas**. In: Economia e Sociedade. Brasília/São Paulo: Editora da UnB/ Imprensa Oficial do estado,2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro:Zahar, 1979.